



Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional
de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

ECPC LVT

outubro | 2025

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsional, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.



Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No Oeste, o mês foi quente. Nas temperaturas máximas registou-se uma oscilação diária significativa e uma tendência de descida a partir do dia 19. O período mais quente decorreu entre os dias 10 e 18, que também foi o mais estável e com temperaturas máximas próximas de 30°C. Os valores médios da temperatura máxima foram superiores ao normal para a época. Nas temperaturas mínimas também se registou alguma oscilação diária, mas o padrão foi muito mais estável. Embora com registo de valores absolutos inferiores ao normal, as temperaturas mínimas mantiveram-se elevadas para a época na maior parte do mês, tendo-se apresentado mesmo bastante elevadas entre os dias 19 e 24, com valores entre os 15°C e os 20°C.

As amplitudes térmicas diárias máximas foram ligeiramente inferiores às do mês anterior (22,4°C na estação de Alcobaça no dia 6, 20,5°C na estação de Torres Vedras/Dois Portos no dia 14 e 17,9°C na estação de Santa Cruz/Aeródromo no dia 10). No entanto foram pouco significativas em diversos dias e noutros foram mesmo muito pequenas.

Na primeira metade do mês os dias decorreram com céu pouco nublado ou limpo e com períodos de maior nebulosidade junto ao litoral, verificando-se alguns dias com períodos de muita nebulosidade. Na segunda metade do mês prevaleceram os dias de céu muito nublado ou com períodos de muita nebulosidade. Durante o mês foi frequente a formação de neblina ou nevoeiro matinal, principalmente mais junto ao litoral.

A intensidade do vento foi fraca a moderada, com uma velocidade inferior a 35km/h na maior parte dos dias. Pontualmente a intensidade do vento foi mais forte,

principalmente junto ao litoral. Foram registadas rajadas superiores a 40km/h, dois dias na estação de Alcobaça, três dias na estação de Santa Cruz (Aeródromo) e três dias na estação de Torres Vedras/Dois Portos.

A precipitação foi muito reduzida durante a primeira metade do mês, tendo sido mesmo inexistente na maior parte da região. Na segunda metade do mês, principalmente a partir do dia 19, foram frequentes os dias de chuva ou com períodos de chuva, tendo sido por vezes forte e persistente. No final do mês a precipitação acumulada apresentou valores próximos do normal para a época.

A humidade relativa média foi elevada durante o mês.

Devido às condições meteorológicas houve um aumento significativo dos níveis de água no solo face ao mês anterior. No final do mês, prevalecia o índice de água no solo CC [61, 80] mais junto ao litoral, e mais para o interior prevalecia o índice CC [41, 60]. Fora deste padrão, algumas áreas nos concelhos de Alcobaça, Caldas da Rainha, Cadaval e Bombarral, apresentavam ainda o índice CC [21, 40]; algumas áreas nos concelhos de Torres Vedras, Lourinhã, Caldas da Rainha e Alcobaça, apresentavam-se já no índice CC [81, 99]; duas pequenas áreas nos concelhos de Torres Vedras e Alcobaça encontravam-se à capacidade de campo, índice CC (>99).

Ao longo do mês houve boa disponibilidade hídrica para as culturas e para o abeberamento de animais. No final do mês os volumes de armazenamento das reservas de água superficiais mantinham-se superiores ao normal para a época. De igual forma, as reservas de água subterrâneas apresentavam níveis superiores ao normal para a época.

As condições do tempo foram favoráveis à realização de colheitas, lavouras e sementeiras, que decorreram com normalidade até quase ao final do mês, altura em que foram interrompidas devido à precipitação forte e persistente. Nas pomóideas, a precipitação ocorrida no final do mês e as temperaturas elevadas para a época, foram muito propícias ao desenvolvimento de doenças

nos pomares e pouco favoráveis ao início do seu repouso vegetativo. Alguns pomares de pera Rocha e de maçã Gala já evidenciavam alguma queda foliar, mas pouco acentuada devido às temperaturas ainda bastante amenas. Nas maçãs, a precipitação ocorrida durante o mês poderá causar, sobretudo na variedade Fuji, problemas nas lenticelas dos frutos (pequenas aberturas porosas na pele, semelhantes a pequenos pontos, que permitem a troca de gases e a transpiração do interior do fruto com o meio ambiente, funcionando como órgãos de arejamento) e aumentar no pós-colheita a quantidade de refugo por desenvolvimento de podridão durante o período de conservação. Nos pomares de limão, as condições do tempo foram favoráveis ao desenvolvimento dos frutos. No entanto, as temperaturas elevadas foram desfavoráveis para as árvores. A precipitação do final do mês, associada a temperaturas elevadas para a época, criaram condições ótimas para o desenvolvimento de doenças e pragas. No olival, as temperaturas diárias elevadas e as noites ligeiramente quentes e húmidas promoveram a completa maturação fisiológica das azeitonas na maioria das variedades e de forma homogénea em toda a região. Os olivais de sequeiro já colhidos e que tinham ultrapassado o *stress* da colheita, apresentaram novas rebentações outonais favorecidas por alguma precipitação pontual. Na cultura do arroz, a precipitação intensa nos últimos dias do mês interrompeu a colheita e provocou acama das plantas mais altas e com maior suscetibilidade de queda. As condições do tempo foram favoráveis para as tradicionais culturas hortícolas de ar livre. Durante o mês realizaram-se colheitas de couves, cenouras e abóboras. A oferta de couves aumentou ao longo do mês e em geral estas apresentaram uma qualidade média a boa. Durante o mês houve plantação de couves, prevendo-se que as mesmas continuem apesar da chuva forte no final do mês. No Oeste muitos produtores fazem plantação manual, o que é possível após dois ou três dias sem precipitação. Devido às temperaturas terem permanecido elevadas e ter ocorrido alguma precipitação ao longo do mês, as cenouras desenvolveram-se muito rapidamente,

avanzando cerca de vinte dias no ciclo, prevendo-se nos próximos dois a três meses uma boa disponibilidade de cenoura no mercado. No final do mês estavam a ser colhidas cenouras com três meses e meio de ciclo quando o normal são quatro a quatro meses e meio. Durante o mês foram realizadas novas sementeiras. No final do mês as abóboras já se encontravam colhidas e armazenadas. As sementeiras decorreram muito tarde e as abóboras tiveram pouco tempo para completar o ciclo, tendo havido menos produção (menos frutos por planta) e calibres mais baixos. Foi favorável para a cultura a continuação até tarde de condições climáticas características de verão. Nas hortícolas em estufa, com a menor luminosidade dos dias durante a segunda metade do mês, foram realizados ajustamentos na fertilização para assegurar a manutenção do ritmo de desenvolvimento das plantas. Durante o mês decorreram colheitas de tomate, pepino e courgette. A produção colhida apresentava boa qualidade.

No **Médio Tejo**, o mês caracterizou-se como quente e seco, registando-se temperaturas máximas e mínimas superiores às normais para a época. Na estação meteorológica de Alvega a temperatura máxima mais elevada verificou-se bastante superior à normal para a época e a temperatura mínima mais baixa um pouco inferior à normal para a época.

As amplitudes térmicas diárias diminuíram a sua variabilidade a partir da segunda metade do mês, com valores médios de 14,1°C e 15,9°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Valdonas e de Alvega, um pouco inferiores aos valores médios do mês anterior. As maiores amplitudes térmicas diárias registaram-se no dia 6, com valores de 22,6°C e 23,3°C, respetivamente nas estações de Tomar/Valdonas e Alvega.

Durante a primeira metade do mês, o céu manteve-se geralmente pouco nublado ou limpo, com alguns períodos de maior nebulosidade. Já na segunda metade predominou o céu muito nublado.

Relativamente ao vento, este soprou essencialmente fraco a moderado, sendo por vezes forte nas terras mais altas.

O mês decorreu pouco chuvoso até ao dia 19, registando-se a partir dessa data, dez dias com precipitação na estação meteorológica de Tomar/Valdonas e doze dias na estação meteorológica de Alvega, com uma precipitação acumulada inferior à normal para a época. Destacou-se o dia 28, em que a precipitação diária representou 66% da precipitação acumulada no mês.

A humidade relativa média registada em ambas as estações meteorológicas verificou-se mais alta em relação ao mês anterior, com mais significado na estação meteorológica de Alvega.

O teor de água no solo nos concelhos de Abrantes Alcanena, Vila Nova da Barquinha, Constância e Ferreira do Zêzere situava-se maioritariamente no índice CC [41, 60]. Nos concelhos de Ourém, Tomar, Sardoal e Mação situava-se maioritariamente no índice CC [21, 40]. Na totalidade do concelho do Entroncamento, o teor de água no solo situava-se no índice CC [61, 80]. No concelho de Mação o teor de água no solo distribuía-se entre os índices CC [41, 60] e CC [61, 80]. No concelho de Torres Novas, situava-se nos índices CC [21, 40] e CC [41, 60], com uma mancha no índice CC [61, 80].

As reservas de água superficiais mantiveram níveis satisfatórios, contudo ligeiramente inferiores aos registados no mês anterior. Não foi identificada falta de água na região para as culturas e para o abeberamento dos animais.

Quanto à influência do tempo nas culturas, nos olivais tradicionais, as condições climatéricas ocorridas, especificamente as temperaturas diárias elevadas e noites ligeiramente quentes, aceleraram a completa maturação fisiológica das azeitonas na maioria das variedades. A fraca precipitação registada favoreceu a maturação da azeitona em olivais com pouca produção, mas não foi suficiente para reidratar os olivais de altitude com grande produção, cujos solos têm pouca profundidade. Nos olivais intensivos de regadio, o tempo

seco beneficiou o controlo de pragas, em especial da mosca da azeitona. Sendo o mês seco, tal como setembro, a azeitona não “engrossou”, pesando menos e com um teor de água baixo. As condições climatéricas observadas neste mês, quer em termos de temperatura quer de humidade foram bastante favoráveis à germinação das pastagens permanentes de sequeiro e das culturas forrageiras anuais já semeadas em outubro. As primeiras chuvas foram tardias e abundantes, criando alguma erosão nos solos, mas vieram beneficiar o arranque dos ciclos vegetativos. Nos prados de regadio, as noites mais longas induziram um maior ritmo de crescimento das plantas. De forma geral, as condições climatéricas foram favoráveis à conclusão das colheitas das culturas arvenses de primavera-verão, que decorreram sem contratempos. Também permitiram nas áreas disponíveis, avançar com a preparação dos solos e efetuar as primeiras sementeiras das culturas de outono-inverno, apenas interrompidas pelas chuvas mais fortes nos últimos dias do mês.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, a primeira metade do mês decorreu com temperaturas máximas bastante elevadas e com ausência de precipitação até ao dia 19. Na segunda metade do mês houve uma tendência de descida das temperaturas máximas e subida das mínimas as quais se apresentaram bastante elevadas. A temperatura máxima foi muito superior ao normal para a época em ambas as estações. A temperatura mínima foi um pouco inferior à normal para a época em ambas as estações.

Na Lezíria do Tejo o valor médio da amplitude térmica foi 12,4°C e o valor máximo diário foi 18,1°C, registado no dia 6 na estação meteorológica de Santarém/Fonte Boa. No Baixo Sorraia o valor médio da amplitude térmica foi 15,4°C e o valor máximo diário foi 22,5°C, registado no dia 14 na estação meteorológica de Coruche.

Durante a primeira quinzena os dias decorreram com céu pouco nublado ou limpo e durante o resto do mês os dias foram principalmente de céu muito nublado.

O vento foi fraco a moderado na maior parte dos dias. Na segunda metade do mês verificaram-se alguns dias com vento, por vezes forte.

A precipitação na Lezíria do Tejo foi semelhante à normal para a época e no Baixo Sorraia foi ligeiramente superior. Ocorreu de forma abundante e persistente a partir do dia 19, principalmente com períodos de chuva e aguaceiros, por vezes fortes.

A humidade relativa média foi superior à registada no mês anterior.

No final do mês o teor de água no solo tinha aumentado relativamente ao mês anterior. Na Lezíria do Tejo o teor de água no solo situava-se maioritariamente no índice CC [41, 60], verificando-se algumas manchas no índice CC [81, 99] nos concelhos de Santarém, Chamusca e Golegã, e no índice CC [21, 40] em algumas áreas nos concelhos de Santarém e Azambuja. No Baixo Sorraia, os concelhos de Coruche e Salvaterra de Magos situavam-se principalmente no índice CC [21, 40] e no concelho de Benavente predominava o índice CC [41, 60]. Em Coruche observava-se já uma pequena mancha no índice [81, 99].

No final do mês as reservas de água superficiais apresentavam alguma descida, com níveis próximos do normal para a época. Não foram registadas faltas de água para as culturas nem para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do tempo nas culturas, verificaram-se condições favoráveis para as colheitas e para os preparativos do próximo ano agrícola, que decorreram com normalidade até quase ao final do mês, altura em que houve uma interrupção pela chuva forte e persistente. Nos olivais, as temperaturas diárias elevadas no início do mês e as noites mais frescas favoreceram o desenvolvimento dos frutos e o processo de lipogénese (acumulação de gordura na azeitona). A precipitação ocorrida no final do mês, acompanhada da descida das temperaturas, não representou um risco. Nos citrinos (laranja), as condições do tempo, quente e seco, observadas na primeira metade do mês continuaram a provocar *stress* hídrico nas árvores. Na

cultura do milho de regadio para grão, a precipitação ocorrida na segunda metade do mês diminuiu a qualidade do milho pelo aumento do teor de humidade do grão. Na cultura do arroz, o tempo foi favorável à colheita durante o mês, com exceção dos últimos dias, em que a precipitação e os ventos fortes interromperam a operação e causaram situações de acama nas variedades mais propensas. No tomate para a indústria, as condições climatéricas foram favoráveis até ao final da colheita.

Na **Grande Lisboa**, o mês decorreu muito quente para a época e húmido, sem grandes oscilações da temperatura. As temperaturas máxima e mínima foram superiores ao normal para a época, registando-se a maior amplitude térmica diária de 11,5°C, no dia 14.

Os dias foram maioritariamente pouco nebulados, com formação de neblina em alguns locais da faixa costeira, aumentando de nebulosidade na última semana do mês.

No que respeita ao vento, este esteve na maior parte do mês moderado a forte (30 a 40 km/h), com rajadas até cerca de 60 km/h no dia 28, sobretudo no litoral.

O mês decorreu maioritariamente seco, com uma acentuada precipitação na última semana, fazendo com que no final do mês se aproximasse do valor normal para a época.

A humidade relativa média foi superior à registada no mês anterior.

No que se refere aos valores do teor de água no solo no final do mês, os concelhos de Lisboa, Amadora e Odíelas encontravam-se maioritariamente no índice CC [61, 80], o concelho de Oeiras no índice CC [41, 60], os concelhos de Cascais e Sintra no índice CC [41, 60] a este e no índice CC [61, 80] a oeste, os concelhos de Loures e Vila Franca de Xira encontravam-se no índice CC [21, 40] a este e no índice CC [41, 60] a oeste e o concelho de Mafra situava-se no índice CC [41, 60] a sudeste, no índice CC [61, 80] a nordeste, à capacidade de campo CC (>99) a noroeste, com uma mancha no índice CC [81, 99] a sudoeste.

No final do mês o estado das linhas de água e o armazenamento de águas superficiais e nos aquíferos consideraram-se em níveis normais para a época, com boa disponibilidade de água.

Quanto à influência do estado do tempo, e uma vez que não houve registo de grandes amplitudes térmicas, foi positivo para o desenvolvimento vegetativo das pastagens. O tempo seco no início do mês contribuiu para o sucesso da finalização das vindimas, para a apanha da azeitona, para a colheita de tomate para a indústria, de milho e de arroz, para a mobilização de terrenos e sementeira de algumas culturas forrageiras. As temperaturas mínimas muito elevadas para a época não favoreceram o início do necessário repouso vegetativo das pomóideas. Nos limoeiros, as chuvas ocorridas no final do mês associadas a temperaturas elevadas para a época traduziram-se em ótimas condições para o surgimento de doenças.

Na **Península de Setúbal**, o mês decorreu quente. Tanto as temperaturas máximas como as temperaturas mínimas registaram praticamente todo o mês valores acima do normal para a época.

Até ao dia 18 verificaram-se, em geral, grandes amplitudes térmicas, sendo o maior valor diário de 20,4°C, registado nos dias 10, 14 e 15 na estação de Pegões.

Os dias decorreram com céu geralmente muito nublado até ao dia 9 e a partir do dia 18.

O vento soprou em geral fraco a moderado (até 30 km/h), até meados do mês e a partir de dia 19, com registo de rajadas de maior intensidade nos últimos dias do mês.

O mês decorreu seco na região até ao dia 20. A partir daí houve períodos de chuva fraca, chuviscos ou aguaceiros e chuva forte no dia 28.

O total de precipitação mensal foi inferior ao normal para a época, que correspondeu a 55% e 83%, respetivamente nas estações de Setúbal e Pegões.

A humidade relativa média foi em geral superior à registada no mês anterior.

A precipitação ocorrida a partir de meados do mês favoreceu a disponibilidade de água no solo na segunda quinzena. Com efeito, no final do mês o teor de água no solo registou, em geral, um aumento significativo relativamente ao mês anterior, à exceção de algumas manchas nos concelhos de Palmela, Alcochete, Montijo, Moita e região a norte no concelho de Almada. Assim, no final do mês o teor de água no solo situava-se maioritariamente no índice CC [41, 60], com algumas zonas a nordeste no concelho do Montijo no índice CC [61, 80]. Em áreas mais a sul dos concelhos de Sesimbra e Setúbal, comparativamente ao mês anterior, o teor de água no solo subiu para o índice CC [21, 40].

Não se verificaram situações de escassez de água para a rega e para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo nas culturas, a precipitação que ocorreu apenas no final do mês foi reduzida face à quantidade necessária para efetuar a mobilização dos solos para preparação para as novas sementeiras, aspeto mais notório nos terrenos mais pesados da região. Em terrenos mais leves foi possível a preparação dos terrenos para as novas sementeiras, beneficiadas pela precipitação que ocorreu posteriormente. Nas culturas do milho e do arroz, com as colheitas a decorrerem ao longo do mês, houve necessidade da sua interrupção nos períodos de precipitação mais intensa.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos das estações desta região.



**Fitossanidade: pragas e doenças;
intensidade e frequência dos ataques;
oportunidade e eficácia dos
tratamentos efetuados; prejuízos causados
para além do normal**

Oeste

Nas vinhas para vinho, no pós-colheita foram realizados tratamentos de desinfecção nas áreas que tiveram focos de doenças criptogâmicas, recorrendo a enxofre ou a produtos fitofarmacêuticos. Também foram realizadas adubações foliares para o armazenamento em pré dormência de nutrientes para o próximo ciclo. Foi ainda incorporada matéria orgânica para melhorar a estrutura do solo. Nas vinhas para uva de mesa não se verificaram problemas fitossanitários com relevância para efetuar tratamentos.

Nos pomares de pomóideas os níveis elevados de temperatura e humidade levaram ao surgimento significativo de doenças fúngicas, como a alternariose da macieira, situação preocupante principalmente nos pomares que seguem o sistema de produção “Resíduo Zero”, por estarem limitados nos recursos de combate. Nos pomares de macieiras com produção ainda por colher houve ataques de intensidade média de pragas e doenças, designadamente pulgão lanígero, cigarrinha verde, e fogo bacteriano. Nos pomares de pera Rocha estavam a ser realizadas podas sanitárias pós colheita para limpeza dos sintomas de fogo bacteriano causado pela bactéria *Erwinia amylovora*, que mantinha uma presença de intensidade média devido às condições de temperatura e humidade. Aumentou a presença de psila (ninfas e meladas).

Nos pomares de limão, com o aumento da humidade e com as temperaturas elevadas, criaram-se as condições para o aumento da incidência de doenças como o míldio, cuja sintomatologia irá ser visível apenas no mês de novembro, com a descida das temperaturas. O reduzido número de substâncias ativas é uma limitação para o controlo eficaz da doença. As mesmas condições

climáticas foram favoráveis ao aumento da população de mosca nos pomares.

Os olivais que ainda se encontravam por colher no final do mês apresentaram fortes ataques de mosca da azeitona, o que favoreceu a instalação da gafa. Mas de forma geral, as oliveiras colhidas apresentam um bom estado fitossanitário, não se tendo justificado qualquer tratamento.

Nas culturas do milho e do girassol o maior problema identificado foi a presença de javalis, que em alguns casos causaram perdas de produção consideráveis.

Na cultura do arroz foi identificado o aumento da presença de infestantes, principalmente de milhãs. Na fase de fim de ciclo da cultura, já não serão realizados tratamentos.

Nas hortícolas de ar livre, manteve-se a presença de piolho e de lagarta (*Helicoverpa armígera*), embora com menor intensidade. Nas abóboras, a presença de piolho aumentou na fase final da colheita, o que causará perda de qualidade e diminuição do período de armazenagem. O piolho permanece durante a fase de armazenamento e a sua picada provoca pequenos orifícios na abóbora permitindo a entrada de fungos e o desenvolvimento de podridão.

Nas hortícolas em estufa, na cultura do tomate mantiveram-se os ataques de mosca branca e de *Tuta absoluta*, com intensidade média. Manteve-se também a presença de doenças fúngicas, designadamente a cladosporiose e a *Botrytis* ou podridão cinzenta, com uma intensidade média, favorecida pela humidade elevada e temperatura. Nas culturas de pepino e de courgette verificaram-se focos de oídio com baixa intensidade. Foram realizados tratamentos fitossanitários que se revelaram eficazes. Não houve ocorrência de prejuízos além do normal.

Médio Tejo

Nas vinhas para vinho, no geral não se efetuaram mais tratamentos, no entanto, pontualmente em algumas vinhas ainda sob a presença de cigarrinha verde, procedeu-se a um tratamento pós-colheita para o controlo da população.

Nos olivais, observou-se no final do mês, que as árvores cujos frutos ainda não tinham sido colhidos, apresentavam ligeiros ataques de mosca da azeitona, embora o estado hídrico das azeitonas não tenha favorecido o seu desenvolvimento. De forma geral, as oliveiras colhidas e por colher apresentavam um bom estado fitossanitário, o que não justificou qualquer tratamento.

Nos pomares de limão, manteve-se a presença de cochonilha-algodão (*Planococcus citri* (Risso)), a qual se verificou atenuada pelo efeito das chuvas.

Em muitos campos de milho (em fase de colheita) continuavam a ser observadas muitas plantas partidas pelos javalis.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nos pomares de citrinos (laranja) continuaram a observar-se ataques de mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*) nos frutos e de lagarta mineira nos rebentos novos, para os quais houve necessidade de fazer tratamentos. Apesar da aplicação dos devidos fitofármacos em setembro e outubro, identificaram-se frutos picados pela mosca, situação agravada após as chuvas ocorridas no final do mês.

Nos olivais, existiram alguns focos de mosca da azeitona, que não tiveram impacto na sanidade dos frutos. Mesmo nos olivais com a colheita já iniciada nas primeiras semanas de outubro, sem tratamentos fitossanitários realizados, mantinha-se uma boa qualidade dos frutos e do azeite.

No milho, com a cultura em colheita, mantiveram-se os estragos provocados pelos javalis. Além disso, na fase de colheita foi identificada a presença de figueira do

inferno (*Datura stramonium*) em níveis altos em algumas searas, com possível prejuízo do milho destinado à alimentação humana. O vírus do nanismo esteve presente na cultura, com algum impacto na produção esperada.

No arroz, manteve-se uma forte presença de milhãs (*Echinochloa spp.*) e de arroz bravo, não tendo sido realizados tratamentos devido à cultura estar em fase de colheita. Continuaram a verificar-se estragos na cultura provocados por javalis.

Grande Lisboa

Nas pomóideas, sobretudo nas macieiras, foi crescente a probabilidade de aparecimento de algumas doenças, sobretudo alternariose, perspetivando-se a realização de tratamentos pós colheita de modo a atenuar a situação. Nas pereiras denotou-se um aumento da presença de psila, inseto da família *Psyllidae*, temendo-se danos significativos às pereiras por picar e sugar seiva, principalmente através das ninfas, com a consequente segregação de "melada" que favorece o aparecimento de fumagina (um fungo negro) e que nesta fase pode contribuir para a desvitalização da árvore. Para esta situação estão previstos os devidos tratamentos fitossanitários.

Nas figueiras, verificaram-se alguns ataques de cochonilha nos tronquinhos para os quais se esperam resultados positivos de controlo com a poda a realizar em novembro.

Nos limoeiros, no final do mês denotou-se um aumento da incidência de míldio, para o qual se sente dificuldade no seu combate devido às restrições legais impostas que determinaram o fim do uso de muitas das substâncias ativas.

Nos arrozais, e tal como referido no relatório anterior, continuava a presença de milhãs, para as quais é extemporânea a aplicação de herbicidas, pois arriscar-se-iam as próprias searas de arroz por ceifar. A presença de cegonhas que procuram lagostim nos

canteiros tem sido uma praga muito destrutiva das searas, que as estragam por espezinhamento.

Península de Setúbal

Na vinha, após a colheita alguns agricultores efetuaram tratamentos fitossanitários recomendados para a cigarrinha verde em zonas de maior incidência, mais problemáticas.

Na cultura de arroz, de salientar a presença de aves nos arrozais, nomeadamente cegonhas e íbis-preto. As infestantes ocorreram em maior quantidade que na campanha anterior, sobretudo com milhãs. Os javalis continuaram a ser um problema na cultura, causando prejuízo na produção.



Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste**, com a precipitação ocorrida e com as temperaturas amenas, as pastagens de sequeiro (geralmente espontâneas) iniciaram novos ciclos vegetativos, embora ainda sem abundância de alimento para os animais em pastoreio direto, os quais ao longo do mês foram por vezes suplementados com alimentação natural conservada, como fenos e palhas. As espécies pecuárias estabuladas mantiveram condições de alimentação muito semelhantes a igual período do ano anterior, com boa disponibilidade de alimento natural conservado. O ano permitiu armazenar quantidades muito interessantes de forragens conservadas (fenossilagem e silagem). Além das reservas deste ano, alguns produtores ainda estavam a consumir forragem armazenada no ano anterior. No final do mês encontrava-se concluída a colheita de milho

para silagem, cultura que na região em regra se destina para autoconsumo nas explorações de vacas leiteiras. Apesar da instalação tardia, as condições climáticas durante o ciclo da cultura (temperatura e luminosidade) e a disponibilidade de água para rega, foram bastante favoráveis, confirmando-se uma maior produtividade relativamente ao ano anterior e uma boa qualidade nutricional, contribuindo para reforçar a boa disponibilidade de alimento natural conservado durante os próximos meses. Durante o mês foram feitas gradagens e aplicada matéria orgânica para as novas sementeiras das culturas forrageiras anuais, designadamente azevém e consociações (aveia, tritcale, ervilha, ervilhaca), encontrando-se já algumas áreas semeadas.

No **Médio Tejo**, as pastagens permanentes de sequeiro encontravam-se a rebrotar, com uma folha e as mais avançadas já com duas folhas visíveis. Nos prados de regadio, observou-se um aumento no ritmo de crescimento das plantas, associado às noites mais longas. No final de outubro encontravam-se já semeadas algumas áreas com culturas forrageiras anuais.

Realizou-se mais um corte de luzerna, sendo o segundo para alguns produtores. Comparativamente a igual período do ano anterior, realizaram-se menos cortes de matéria verde, quer por problemas fitossanitários (fungos) quer por infestações muito severas. A produtividade da cultura foi assim inferior à obtida na anterior campanha. A qualidade da matéria verde foi boa. A cultura entrava em hibernação invernal.

Relativamente às condições de alimentação das espécies pecuárias, em especial os bovinos em regime extensivo, nesta fase encontravam-se a “comer à mão” (estabulados) para possibilitar a regeneração das pastagens. O regime alimentar baseou-se em forragens conservadas, com uma grande importância da fenossilagem e palhas. Em resultado da boa produção de forragens nesta campanha e maior disponibilidade destes alimentos, verificou-se um aumento no consumo de fenossilagem relativamente ao mesmo período do ano passado.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, a maior parte das pastagens permanentes de sequeiro encontravam-se praticamente consumidas, tendo sido necessária a administração de maior quantidade de fenos, o que não foi um problema pelo facto do ano ter sido muito produtivo em forragens anuais e existir grande disponibilidade de *stocks*.

A colheita de milho para silagem, ficou concluída durante o mês. A produtividade foi ligeiramente inferior ao ano anterior, embora seja considerado um ano bom de produção, confirmando-se uma boa qualidade. Durante o mês foram realizadas sementeiras das culturas forrageiras anuais, as quais se encontravam praticamente concluídas.

Nas espécies pecuárias em regime extensivo, principalmente bovinos, a alimentação foi reforçada com a administração de fenos, mas ainda sem necessidade de alimentos concentrados.

Nos regimes intensivos de bovinos, a alimentação dos animais estava a ser suplementada com forragens à base de fenossilagem e silagem.

Em geral, as condições de alimentação das espécies pecuárias encontravam-se semelhantes às do ano anterior, com boa disponibilidade de forragens armazenadas.

Na **Grande Lisboa**, procedeu-se à sementeira e adubação de fundo de azevém e tremocilha. As pastagens de sequeiro encontravam-se secas e sem pasto disponível, a iniciar a sua germinação, perspectivando-se para finais de novembro boas condições para o início do pastoreio.

Verificou-se uma grande disponibilidade de feno, palha e fenossilagem para a alimentação das espécies pecuárias, ainda sem necessidade de recorrer a suplementação alimentar com rações industriais.

Na **Península de Setúbal** no final do mês em geral o coberto vegetal ainda se encontrava muito seco, não tendo a precipitação ocorrida sido suficiente para que ocorresse a germinação.

À semelhança do mês anterior, o pastoreio ainda continuou a ser possível em algumas zonas de vale com condições favoráveis, sendo maioritariamente a alimentação efetuada à base de suplementação com fenos e fenossilagem. O elevado aprovisionamento destes suplementos naturais do ano anterior permitiu que nesta fase a alimentação à base de ração industrial, com granulado, tenha sido inferior à da campanha anterior.



Preparativos para o próximo ano agrícola. Condições em que decorreram as lavouras e sementeiras

No **Oeste**, os cereais praganosos de outono-inverno semeiam-se principalmente em novembro e dezembro. Durante o mês decorreram trabalhos no campo com a preparação dos terrenos para a instalação de searas de trigo, encontrando-se já realizadas algumas sementeiras. As lavouras e sementeiras que se encontravam realizadas antes da precipitação intensa que se verificou nos últimos dias do mês decorreram com normalidade. Devido à chuva, as atividades foram interrompidas e os produtores aguardavam que as condições meteorológicas e do terreno permitissem a circulação das máquinas para retomar os trabalhos de instalação das culturas.

Durante o mês foram feitas gradagens e aplicada matéria orgânica para as novas sementeiras das culturas forrageiras anuais, encontrando-se já algumas áreas semeadas, tal como referido no capítulo anterior.

Nas vinhas para vinho, no pós-colheita foram iniciadas as podas. Procedeu-se a arranques e em alguns desses terrenos foram realizadas sementeiras de cereais estemes ou em consociações com leguminosas, para melhorar a fertilidade do solo. Foram realizadas surribas para preparação de novas plantações no próximo ano. Houve recolha de amostras de terra para análise, planeamentos de fertilizações e reposição de material de tutoragem.

No **Médio Tejo** os preparativos para o próximo ano agrícola encontravam-se no geral um pouco atrasados, em especial na instalação dos cereais praganosos. As culturas forrageiras anuais também apresentavam atraso, embora já houvesse algumas áreas semeadas na região. O atraso geral da colheita das culturas arvenses antecedentes, com destaque na região para o milho (ainda em curso) foi o principal motivo pelo consequente atraso das lavouras. Foram, no entanto, durante o mês e nas áreas disponíveis, preparados os solos (passagem de chisel/subsolador) para a instalação das próximas culturas, tendo esses preparativos decorrido com normalidade, até aos últimos dias do mês face à ocorrência de períodos de chuva fortes, os quais interromperam os trabalhos agrícolas. Caso as condições climáticas o permitam, o início das sementeiras está previsto para meados de novembro. Na região foram já instalados alguns campos com aveia para consumo animal (corte a dente).

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, a instalação das culturas de cereais praganosos de outono-inverno encontrava-se atrasada, com a maior parte das sementeiras ainda por realizar no final do mês. Para esta situação muito terá contribuído a colheita tardia das culturas de primavera-verão, como o tomate para a indústria e o milho para grão, bem como a precipitação intensa ocorrida no final do mês. As lavouras decorreram com normalidade, encontrando-se algumas áreas já preparadas para a instalação das próximas culturas. Estas operações foram interrompidas com a precipitação ocorrida nos últimos dias do mês.

Na **Grande Lisboa**, procedeu-se à mobilização dos terrenos para a instalação de cereais praganosos e às sementeiras de culturas forrageiras, tal como referido no capítulo anterior. Devido aos baixos preços pagos pelos cereais de outono-inverno ao produtor, que têm vindo tendencialmente a decrescer e a não fazerem face aos custos de produção, perspetiva-se um abandono da prática destas culturas. No entanto, ainda é prematuro estimar a área que virá a ser semeada na presente campanha.

Na **Península de Setúbal**, a precipitação ocorrida apenas no final do mês atrasou, em geral, a preparação dos solos para as novas sementeiras de culturas de outono-inverno, usualmente efetuadas em meados/finais deste mês. Assim, a maior parte das sementeiras estavam atrasadas e irão decorrer ao longo do mês de novembro, tendo já sido efetuadas algumas, em solos mais arenosos.

As sementeiras de consociações, em regadio, foram efetuadas no início de setembro, encontrando-se no final de outubro com cerca de um palmo de altura e com bom vigor vegetativo, prevendo-se que o primeiro corte para silagem possa ser realizado em meados de dezembro, se as condições climáticas forem favoráveis. Relativamente ao azevém, iniciaram-se as sementeiras este mês.



Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas de uva de mesa, pomares de pomóideas, prunóideas, Kiwis, frutos secos e olivais de azeitona para azeite: estado vegetativo; produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade

Vinhas de uva de mesa

No Oeste, durante o mês decorreu a colheita de uva de mesa das variedades mais tardias como a Dona Maria, Red Globe, Crimson e Alfonso Lavallée. Embora alguns produtores tivessem a colheita terminada na primeira quinzena, no final do mês ainda havia produtores a colher. A colheita, que já se encontrava quase concluída, foi interrompida devido à precipitação intensa verificada no dia 28 e poderá não ser retomada, com perda da produção que ficou por colher, se as condições de circulação no terreno não forem rapidamente recuperadas. A quantidade de produção foi significativamente menor do que no ano anterior, principalmente devido a uma menor floração, influenciada pelas condições climáticas pouco favoráveis nos meses de abril e maio, resultando em

menos quantidade de uva na videira. Também houve alguma perda de produção causada pela forte incidência de míldio e pelas temperaturas elevadas de julho e da primeira quinzena de agosto (42°C e 43°C) que provocaram escaldão nas variedades mais sensíveis como a Red Globe. A campanha caracterizou-se em termos gerais pela boa qualidade da uva produzida. A necessidade de proteção fitossanitária das vinhas contra a elevada e persistente incidência de míldio, que exigiu a realização de tratamentos com intervalos mais apertados, resultou em custos de produção mais elevados para os produtores.

No Médio Tejo, as vinhas de uva de mesa, nas castas mais tardias, encontravam-se com a vindima terminada. Os frutos denotaram uma boa qualidade. Verificou-se uma menor produtividade comparativamente ao ano anterior, em consequência dos problemas fitossanitários ocorridos na cultura (em especial o míldio).

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a colheita de uva de mesa das variedades mais tardias encontrava-se terminada a meio do mês. Estima-se uma produtividade inferior comparativamente à do ano anterior, com algum significado. A qualidade da produção no geral foi boa.

Na Grande Lisboa, deram-se por concluídas as vindimas de uva de mesa. Registou-se uma perda de produtividade relativamente ao ano anterior, sobretudo devido aos fortes ataques de míldio e ao escaldão nas castas mais sensíveis que ocorreram durante o mês de junho. Relativamente à qualidade, esta foi considerada boa, apresentando-se os cachos sem podridões nem bagos secos.

Pomóideas

No Oeste, em termos gerais toda a campanha decorreu com algum atraso, o que também se refletiu nas colheitas, as quais decorreram em geral bem, embora pontualmente tenha havido maior dificuldade em conciliar a logística de colheita de pera Rocha e de maçã Gala, que este ano ocorreu de forma bastante sobreposta. A falta de mão-de-obra, pontualmente

identificada, levou ao prolongamento de algumas colheitas. No final do mês a colheita de maçã já se encontrava numa fase bastante avançada. A variedade Granny Smith estava a terminar, a Fuji estava em colheita e a Ruby será iniciada em novembro. A colheita das variedades Reineta, Golden e RegalYou, ficou concluída durante o mês e a variedade Gala foi terminada em setembro, tal como a pera Rocha. Alguns produtores identificaram uma dissemelhança entre as previsões de colheita de maçã e a quantidade colhida, devido sobretudo a perdas causadas pelo fogo bacteriano, com uma incidência maior nos pomares de macieiras este ano, e pelo facto de muitas árvores darem aparência de uma quantidade de fruta superior à que se veio a verificar na colheita. A produção colhida de maçã apresentava em geral boa qualidade, com bons níveis de *brix* e boas propriedades organoléticas, embora os calibres sejam inferiores aos do ano anterior. Estima-se uma produção total de maçã na região, para o conjunto das variedades, em quantidade muito semelhante à do ano anterior ou ligeiramente menor.

Na Grande Lisboa, deu-se por concluída a colheita de maçã, verificando-se a maioria dos pomares ainda com crescimentos vegetativos. Após um decréscimo na produção nos anos anteriores devido a problemas climatéricos, bem como a problemas fitossanitários, foram adotadas medidas preventivas ao longo desta campanha que impediram a continuidade exponencial da redução da produtividade, que se estima próxima da do ano anterior (que foi baixa). Relativamente à qualidade, foram registados danos causados pelas elevadas temperaturas que se fizeram sentir no verão e que inibiram de forma irreversível a coloração e o crescimento dos frutos, e que contribuíram para frutos de menores calibres. Não obstante, os frutos apresentaram um bom grau *brix* devido ao baixo teor de água. No que diz respeito às pereiras, encontravam-se a iniciar a queda da folha. Do balanço da presente campanha que se deu por finda em setembro, extrai-se que de um modo geral a produtividade das pereiras ficou aquém do potencial produtivo dos pomares da região, mas muito próxima da produtividade obtida na

campanha anterior, situação que se deve às condições climáticas desfavoráveis à cultura, nomeadamente precipitação e temperatura na fase de floração, bem como à incidência de doenças. De entre estas destacou-se o fogo bacteriano que, para além da produtividade, teve um grande impacto na produção com o aumento dos custos na limpeza dos pomares através de poda sanitária. No que se refere à qualidade, à semelhança do ocorrido com as maçãs, também a pera exibiu preeminência de calibres baixos.

Prunóideas

Na Grande Lisboa, no final do mês os pomares de ameixeiras haviam concluído a queda de folha e entrado em dormência. Devido às elevadas temperaturas mínimas que se têm feito sentir na região, teme-se que se surgir uma “falsa primavera” em novembro haja formação de gomos florais que venham consumir as reservas das plantas.

Amendoal

No Médio Tejo, a colheita da amêndoa ficou concluída no final de setembro. A produtividade verificou-se um pouco inferior à do ano precedente. A qualidade dos frutos foi considerada boa.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as colheitas ficaram concluídas no final de setembro. A produtividade média foi muito semelhante ou ligeiramente inferior comparativamente à do ano anterior. Em termos gerais, a qualidade da produção foi idêntica à da campanha precedente.

Na Península de Setúbal, a colheita foi efetuada em setembro, com frutos de qualidade razoável. A produção foi superior relativamente à campanha anterior.

Nogueiral

No Médio Tejo, iniciou-se a colheita das nozes na segunda semana de outubro, encontrando-se a decorrer com normalidade no final do mês. Os primeiros frutos colhidos, evidenciaram problemas de preenchimento do miolo (mirrado) relacionados com dotações de rega

inadequadas. Tratando-se de situações pontuais, não tiveram para já significado na estimativa da produtividade média, que se prevê ser um pouco superior à da campanha anterior, resultando em parte pela evolução natural da idade dos pomares, que estão a entrar em plena produção, contribuindo para o aumento do rendimento, uma vez que a cultura é recente na região. Estima-se uma qualidade média dos frutos devido à ocorrência de miolo mirrado e miolo negro, associados a problemas fúngicos visíveis durante o descasque.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, durante o mês de outubro foi concluída a colheita das variedades mais precoces como a Viriato, e iniciada a colheita das mais tardias, como a Howard, que ainda estava a decorrer no final do mês. Nas primeiras colheitas realizadas foram identificados alguns problemas pontuais de enchimento do miolo, associados a deficiências nas dotações de rega. No entanto, não tiveram por enquanto impacto na produtividade média, que se estima ser um pouco superior à da campanha anterior, compensada em parte pela evolução natural da idade dos pomares, que estão a entrar em plena produção. Prevê-se uma qualidade média dos frutos, face a algumas situações de miolo mirrado e também de miolo negro.

Olival

No Oeste, as temperaturas diárias elevadas e as noites ligeiramente quentes e húmidas promoveram a completa maturação fisiológica da azeitona na maioria das variedades e de forma homogênea em toda a região, antecipando a colheita das mais tardias que aceleraram a maturação. No final do mês a maioria dos olivais já se encontravam colhidos. A produtividade média será menor do que a estimada no início da colheita, que apontava para uma semelhança com o ano anterior. Mas, devido à quebra registada nas variedades mais tardias, prevê-se uma ligeira diminuição. No entanto, devido às humidades típicas da região Oeste, com o avançar da colheita houve um aumento progressivo do rendimento em azeite, compensando a quebra de produtividade.

O rendimento médio obtido situa-se entre 13,5% a 14,5%, sendo superior ao da campanha anterior. A qualidade do azeite diminuiu ligeiramente ao longo da colheita por se terem intensificado os ataques de mosca da azeitona e a presença de gafa, favorecidos pelo aumento da humidade atmosférica e pelo estado muito avançado de maturação dos frutos.

No Médio Tejo, nos olivais tradicionais encontrava-se a terminar a colheita nas zonas mais baixas e com variedades mais precoces. Nas zonas de montanha, de variedades mais tardias, a colheita estava a decorrer. A produtividade da azeitona para azeite tem sido superior em relação ao mesmo período do ano passado, destacando-se especialmente as variedades mais tardias e de montanha como principais responsáveis por esse aumento. A qualidade da azeitona tem sido muito boa e proporcionado azeites de grande qualidade. Nesta fase, a produção de azeite é considerada superior à da campanha anterior, sobretudo devido ao aumento da quantidade de azeitona disponível, e não tanto ao rendimento, que se manteve semelhante ao do ano passado, entre os 12% e os 13%. No decorrer da colheita este parâmetro manteve-se estável. Os olivais intensivos encontravam-se com os frutos em maturação ao longo do mês, com a colheita prevista para o início de novembro. É estimada uma produtividade abaixo do expectável no início da campanha. A qualidade dos frutos verificava-se muito boa.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a colheita das variedades mais precoces estava a decorrer. Na variedade Arbequina observou-se uma boa evolução da maturação e lipogénese dos frutos ao longo do mês, encontrando-se a colheita praticamente terminada. Na variedade Galega, a colheita decorreu de forma escalonada desde o início do mês. As variedades mais tardias, como a Cobrançosa, Picual e Arbosana apresentavam a maturação mais atrasada, estimando-se o início da colheita nas primeiras semanas de novembro. Nas variedades mais precoces verificou-se uma boa produtividade de azeitona, estimando-se que seja superior ao ano passado. Nas variedades mais

tardias estima-se uma produtividade ligeiramente superior à do ano anterior, mas ainda muito condicionada pelas condições meteorológicas das próximas semanas. A qualidade da azeitona apresentava-se boa, prevendo-se um ano bom de produção de azeite, em quantidade e qualidade.

Na Grande Lisboa, deu-se por concluída a apanha da azeitona. Alguns olivais ficaram por colher devido à azeitona não estar em boas condições, sobrematurada, picada e com gafa. Apesar de no início da floração se ter perspectivado uma produção abaixo do potencial produtivo, a produtividade foi ligeiramente superior relativamente à campanha anterior. Quanto à qualidade, esta foi aceitável, sendo que a azeitona colhida antes das primeiras chuvas foi melhor do que a colhida no final do mês. Relativamente ao rendimento da azeitona, registam-se valores muito próximos dos obtidos na campanha anterior, apesar do interregno de três a quatro semanas no processo de maturação dos frutos, devido às elevadas temperaturas que se fizeram sentir entre junho e agosto face a um ano dito normal. No final do mês, os olivais já tinham superado o *stress* hídrico e de pós colheita, fazendo-se notar os crescimentos outonais, o que atenua os efeitos de safra e contrassafra.

Na Península de Setúbal a colheita da azeitona iniciou-se na segunda quinzena e deverá terminar até final de novembro. A qualidade do fruto colhido foi, em geral, boa, sem grandes incidências de mosca de azeitona ou gafa, considerando as condições climáticas favoráveis até à colheita. Relativamente à produtividade e rendimento, ainda é cedo, sendo que se perspetiva que poderá ser superior à campanha anterior.

Citrinos

No Oeste, os pomares de limão apresentavam frutos em desenvolvimento e outros já prontos a colher. A quantidade de frutos nas árvores era semelhante a um ano normal. A produção apresentava boa qualidade e bons calibres. Algumas variedades encontravam-se em floração, que habitualmente decorre em agosto e

setembro. Por terem sido meses muito secos, a floração ocorreu muito tarde, em outubro. Prevê-se que o frio e a chuva provoquem uma queda substancial desta floração esperando-se que a mesma resulte numa produção com pouco significado.

No Médio Tejo, os pomares de limão encontravam-se em bom estado vegetativo. Os frutos estavam em diferentes estágios de desenvolvimento, alguns já em maturação, com alteração visível da cor e outros ainda na fase inicial de formação. A colheita está prevista para o final de novembro, ligeiramente atrasada em relação ao período habitual. Nesta campanha verificou-se uma menor produção de frutos por problemas ocorridos na fase da floração, estimando-se uma quebra de produtividade face à campanha anterior. Para a campanha seguinte prevê-se uma maior produtividade, pelo facto de a floração ter sido visivelmente mais abundante e com um maior número de frutos comparativamente a período igual do ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pomares de laranja das variedades Dalmau e Newhall, apresentavam um desenvolvimento normal para a época, estando a entrar na fase de amadurecimento dos frutos. Estima-se uma produtividade bastante menor do que no ano anterior. Observavam-se frutos com calibres irregulares e muitos com calibre baixo, prevendo-se uma qualidade inferior à das últimas campanhas.

Na Grande Lisboa, nos pomares de limoeiros verificou-se um lento crescimento dos frutos que se perspectivam colher em dezembro e janeiro, com uma produtividade muito inferior relativamente a igual período do ano anterior.

Na Península de Setúbal, nos pomares de limoeiros os frutos estavam em desenvolvimento, com a colheita prevista para a primeira semana de dezembro.

Figueiral

No Médio Tejo, a colheita dos figos vindimos ficou concluída no final de setembro, encontrando-se os pomares no período de dormência. Registou-se uma

menor produtividade comparativamente à da campanha anterior. Contudo, a qualidade dos frutos foi no geral, boa.

Na Grande Lisboa as figueiras continuaram em repouso vegetativo.



Culturas arvenses de sequeiro e regadio nomeadamente Milho, Arroz, Grão de Bico, Feijão, Tomate (para indústria) e Girassol: estado vegetativo; disponibilidade de água para rega; andamento das colheitas; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

Milho

No Oeste, a colheita de milho de sequeiro para grão, que decorreu em boas condições ao longo do mês, encontrava-se concluída antes da precipitação mais intensa que se fez sentir nos últimos dias. Conforme estimado, a produtividade foi menor do que no ano anterior, mas um pouco superior ao esperado. A descida de produtividade deveu-se à instalação tardia da cultura, às condições climáticas de tempo quente e seco em julho e agosto e a perdas de produção causadas pela forte presença de javalis em alguns concelhos da região. A produção apresentou boa qualidade, embora se verificasse algum grão de calibre inferior a um ano normal. Devido ao tempo seco na primeira metade do mês, foi colhido milho com teores de humidade muito favoráveis (entre 17% e 19%), o que permitiu aos produtores terem menores custos de secagem, num ano em que o preço do milho está a ser pago aos produtores a valores inferiores aos do ano anterior.

No Médio Tejo, a colheita do milho de regadio decorria a bom ritmo (só interrompida no período de chuvas nos últimos dias do mês) e deverá estar concluída no início de novembro. A produtividade estimava-se inferior à do ano precedente. Nas primeiras colheitas, a qualidade do grão foi boa, com o teor de humidade favoravelmente

baixo. Com as chuvas ocorridas no final do mês, a qualidade do grão ficou depreciada pelo aumento da humidade (chegou aos 20%). Nas áreas ocupadas com milho na região, face ao atraso da colheita, ainda não foram efetuados os preparativos para as próximas culturas de outono-inverno.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a colheita do milho de regadio para grão encontrava-se em curso e a decorrer a bom ritmo, a prolongar-se em novembro. Mantém-se a perspetiva de uma produtividade mais baixa relativamente ao ano precedente, para o qual terá contribuído a presença do vírus do nanismo em algumas searas, bem como a destruição significativa da cultura provocada pelos javalis. Nesta campanha registou-se um aumento de área ocupada com a cultura. As primeiras colheitas apresentavam grão com boa qualidade e níveis de humidade baixos devido ao tempo seco que permitiu que o milho perdesse humidade naturalmente no campo. Com a precipitação ocorrida no final do mês verificou-se uma diminuição da qualidade devido ao aumento do teor de humidade do grão.

Na Grande Lisboa, o milho de ciclo curto que foi semeado tardiamente ficou todo colhido no final do mês. Quanto ao milho de ciclo longo, iniciou-se a ceifa das searas nas plantações mais precoces, perspetivando-se o final da colheita das mais tardias em novembro. Relativamente ao milho já colhido, no que diz respeito à qualidade, verificou-se que o que foi apanhado antes da chuva ocorrida no fim do mês foi melhor que o restante e melhor que o da campanha anterior, por ter menos humidade. Também se registaram algumas rejeições por parte da indústria de lotes em que foi detetada a presença de figueira do inferno em percentagem considerada nociva para consumo humano e animal. Quanto à produtividade, considera-se menor que a da campanha anterior, facto muito influenciado por problemas relacionados com o vírus do nanismo. No que diz respeito aos preços pagos ao produtor, tal como referido ao longo do acompanhamento da cultura, *“estes são mais baixos que os praticados em 2024 e não são aliciantes para a prática da cultura, devido sobretudo à*

concorrência com os produtos importados de países terceiros (nomeadamente Brasil e EUA)”.

Na Península de Setúbal, as colheitas que se iniciaram a partir de final de setembro, decorreram durante todo este mês, com interrupções nos períodos de maior precipitação, sendo que nesta fase o grão colhido apresentava maior teor de humidade. Prevê-se que as colheitas decorram até início ou meados de novembro. Relativamente à produção, a previsão é de que seja de boa qualidade e ligeiramente inferior à da campanha anterior, influenciada essencialmente pelo vírus do nanismo e pela presença de javalis.

Arroz

No Oeste, está a ser um ano bastante difícil para a cultura devido a todos os condicionalismos a que a mesma esteve sujeita. A colheita foi iniciada a meio do mês e encontrava-se realizada em cerca de um terço da área instalada, mas foi interrompida a partir do dia 28 devido à precipitação. Com o arroz molhado a colheita não deve ser realizada por poder causar problemas de obstrução no equipamento, reduzir a produtividade e provocar perda de qualidade com o aumento de trincas e maior percentagem de quebra de grãos durante o processo industrial. Com a precipitação e o vento nos últimos dias do mês, nos arrozais com plantas mais altas e com maior suscetibilidade de queda, começava a verificar-se alguma acama, havendo uma forte probabilidade dessas áreas não serem colhidas devido à grande dificuldade de as ceifeiras operarem nessas condições da cultura. No final do mês não existiam ainda condições para avaliar a qualidade nem para estimar a produtividade, prevendo-se, no entanto, um balanço final da cultura acentuadamente negativo.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a colheita encontrava-se realizada em cerca de 50% da área. As operações decorreram a bom ritmo, só interrompidas pela precipitação no final do mês. Apesar da instalação tardia, estima-se uma produtividade normal, semelhante à dos anos anteriores. A qualidade da produção já colhida apresentava-se dentro dos

parâmetros normais. Contudo, a qualidade da produção ainda por colher dependerá das condições climáticas.

Na Grande Lisboa, no final do mês estava colhida cerca de 60% da área total das searas de arroz. Nos campos semeados em julho, que nesta campanha se impuseram instalar tardiamente devido à impossibilidade de mobilização dos terrenos que estavam encharcados na primavera, teme-se a falta de luz solar e as baixas temperaturas que possam vir a ocorrer em novembro e que, provavelmente, irão comprometer a qualidade e o rendimento do arroz, quando comparado com um ano dito normal. Para o final da campanha perspetiva-se uma produtividade inferior que a da campanha anterior. Em termos de qualidade, dado que a sementeira foi maioritariamente tardia, fora de ciclo normal, espera-se um arroz ligeiramente mais engelhado. De um modo geral o mês decorreu favoravelmente para a cultura. No que diz respeito aos preços pagos ao produtor, e como referido em relatórios anteriores, apesar de que nesta campanha se praticam valores superiores aos do ano passado, estes são muito baixos e não fazem face aos custos de produção que a cultura acarreta nem à concorrência com o arroz importado de países terceiros (nomeadamente da América do Sul e China).

Na Península de Setúbal, nalgumas áreas de sementeira mais precoce a ceifa foi iniciada nos últimos dias de setembro e continuou durante este mês, com paragens nos períodos de precipitação mais intensa, prevendo-se que termine em meados/finais de novembro. Relativamente à qualidade, prevê-se que seja boa. Na produtividade é esperado um decréscimo do valor, considerando as sementeiras mais tardias e as condições de desenvolvimento do grão ao longo do ciclo (grãos que não vingaram por falta de fecundação, devido às condições climáticas).

Grão de bico

No Oeste, o grão de bico foi colhido em setembro. A produção obtida foi bastante menor comparativamente ao ano anterior, devido a uma diminuição da área semeada e à descida acentuada da produtividade (o

tempo quente e seco em julho e agosto causou *stress* hídrico na cultura que se realiza em sistema de sequeiro). O grão colhido apresentou calibre baixo, inferior ao do ano passado.

No Médio Tejo, a colheita encontrava-se terminada. Embora a produtividade tenha ficado abaixo do esperado para um ano normal, foi ainda assim superior à do ano anterior, marcado por uma campanha menos boa. A quebra de produtividade na atual campanha deveu-se principalmente à forte pressão de doenças fúngicas, agravada pela impossibilidade de realizar tratamentos fitossanitários na fase inicial da cultura, e à presença significativa de infestantes. Os grãos apresentaram uma boa qualidade, destacando-se pelo calibre uniforme, boa apresentação visual e níveis de humidade adequados.

Na Lezíria do Tejo, a colheita encontrava-se terminada. Apesar da produtividade ter sido inferior ao expectável para um ano normal, confirma-se que foi superior relativamente ao ano anterior. As principais situações que causaram uma quebra de produtividade na atual campanha consistiram na forte pressão de doenças fúngicas e na presença de infestantes. A qualidade da produção foi boa, com calibre homogéneo, boa aparência visual e teor de humidade adequado.

Feijão

No Oeste, as colheitas de feijão para seco ficaram concluídas em setembro. A área da cultura foi semelhante ao ano anterior, mas a produção foi menor devido a vários fatores que causaram uma descida da produtividade face ao ano anterior, tais como a instalação tardia da cultura, as temperaturas elevadas durante a floração e o vingamento, o *stress* hídrico a que as plantas ficaram sujeitas devido à falta de chuva em julho e agosto. Embora alguma produção apresentasse um calibre um pouco inferior, a qualidade da produção colhida foi boa.

No Médio Tejo, mantém-se o referido no último relatório: *“(...) as poucas áreas semeadas com a cultura que resistiram às adversas condições climáticas encontravam-se totalmente colhidas. A qualidade do feijão verificou-se fraca, predominando grãos pequenos e com sinais de deterioração. Em termos de quantidade, a produtividade foi inferior à do ano anterior.”*

Tomate para indústria

No Oeste, como previsto a colheita terminou nos primeiros dias do mês. A ausência de precipitação permitiu que as operações de colheita decorressem sem interrupções ou dificuldades. Durante o período de colheita as unidades de transformação tiveram capacidade de receção da oferta disponível, tendo a entrega de produção decorrido com fluidez e sem problemas de sobrematuração e perda de produção, que tanto se receava no início da campanha devido à elevada concentração das plantações. A boa gestão da colheita e a opção de antecipar alguns campos, embora com alguma perda de tomate verde, contribuíram para o equilíbrio alcançado, sendo considerado positivo o balanço entre a perda de tomate verde e a fluidez alcançada nas entregas. Comparativamente ao ano anterior a produção foi menor devido à redução da área instalada e a uma ligeira descida da produtividade média. A qualidade da produção foi boa. Não houve problemas de podridão nem de sobrematuração, e os parâmetros de *brix* e de cor foram bons. Para a boa qualidade também contribuiu o bom estado fitossanitário em que a cultura decorreu. O ponto negativo da campanha centrou-se na desvalorização do produto, que sofreu uma descida de preço de cerca de 20% comparativamente ao ano anterior, o que está a desanimar os produtores, podendo levar mesmo a que alguns, com menor dimensão, deixem de praticar a cultura.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a colheita ficou concluída a meio do mês, mais tarde do que nos anos anteriores, contudo sem constrangimentos ao nível das condições climáticas. Não ocorreram problemas de sobrematuração da produção no campo nem de

escoamento da mesma, o que terá sido facilitado pela redução da área a nível nacional. Comparativamente ao ano anterior estima-se uma produtividade ligeiramente menor na Lezíria do Tejo e superior no Baixo Sorraia. Na generalidade, verificou-se uma boa qualidade da produção ao nível de cor e *brix*. O resultado financeiro da campanha terá ficado muito aquém do pretendido pelos produtores, podendo alguns, com médias produtivas mais baixas, ter a sua continuidade comprometida devido a dificuldades financeiras.

Na Grande Lisboa, deu-se por concluída a colheita no final da segunda semana de outubro. A qualidade dos frutos colhidos foi boa, com bons parâmetros de cor, mas com um grau *brix* inferior ao da campanha anterior. A produtividade foi, de um modo geral, semelhante à do ano passado, apesar da plantação ter sido de um modo geral tardia quando comparada a um ano menos chuvoso, dito normal. Relativamente aos preços pagos ao produtor, e como já referido em relatórios anteriores, este é inferior ao da campanha precedente, devido não só ao *stock* de produto acabado disponível na indústria bem como à concorrência que existe com tomate importado de países terceiros.

Na Península de Setúbal, a colheita que tinha sido iniciada na primeira quinzena de agosto, decorreu ao longo do mês de setembro sem interrupções e terminou nos primeiros dias de outubro. A qualidade do fruto colhido foi em geral média, sem grandes problemas do ponto de vista sanitário, com calibres mais baixos, cor e grau *brix* um pouco mais baixos relativamente à campanha anterior. Em termos de produtividade salienta-se o decréscimo na quantidade colhida em algumas parcelas devido principalmente ao fungo do solo, *Fusarium*

Girassol

No Oeste, a colheita de girassol estava terminada no início do mês, tendo decorrido com normalidade. Devido a perdas significativas de produção em algumas áreas, causadas pela presença de javalis nas searas, a produtividade final desceu ligeiramente em relação à

expectativa inicial, mas ainda assim dentro dos valores habituais para a região. A produção apresentou qualidade, cumprindo os parâmetros exigidos pela indústria de produção de óleos alimentares.

Na Grande Lisboa, a produção de girassol destina-se na sua quase totalidade para semente. No final do mês deu-se por concluída a colheita, com bons resultados quantitativos e qualitativos.



Produção de vinho: funcionamento das adegas, quantidade e qualidade do vinho produzido, perspetivas de comercialização

No **Oeste**, na maior parte das adegas, encontravam-se finalizados ou a finalizar os processos de fermentação malolática e a decorrer os trabalhos habituais da época como correções com sulfuroso, trasfegas de vinho (separação do vinho limpo do depósito ou borra), estabilizações microbiológicas, filtração de vinhos e realização de lotes. Nesta fase são também estudados os perfis do produto final de acordo com as marcas existentes assim como para a introdução de novas marcas no mercado. Em termos de vinificação estima-se um rendimento (correspondência em litros por quilo de uva) semelhante a 2024, pelo que a quantidade de vinho produzido será menor do que no ano anterior, tendo a quebra de quantidade afetado particularmente as castas tintas. Quanto à qualidade, os vinhos brancos deverão estar em linha com os últimos anos. Os vinhos tintos, tendencialmente terão graduações mais altas do que nos últimos anos, havendo condições para a produção de excelentes vinhos tintos de guarda, normalmente rotulados como reservas e grandes reservas daqui a uns anos. As perspetivas de comercialização são de um ano bom para os granéis (que mantêm um peso muito significativo), devido à quebra generalizada de produção, o que tendencialmente fará com que os valores praticados aumentem, especialmente no branco e no rosé, que têm tido mais procura. A retração da procura pelo

consumidor final aumenta a concorrência do sector, principalmente na exportação, pelo que o valor final dos engarrafados à saída das adegas tenderá a não beneficiar da descida de produção, aumentando as dificuldades das adegas devido a um retorno financeiro cada vez menor, que se refletirá no valor pago pelas uvas ao produtor. Em termos gerais, perspetiva-se que o sector vitivinícola continue este ano em retração.

No **Médio Tejo**, o funcionamento das adegas decorria dentro da normalidade, com uma laboração regular. Alguns vinhos tintos estavam a entrar na fase de fermentação malolática, essencial para a suavização da acidez, e outros já tinham terminado as fermentações, preparando-se a prensa das suas massas. Os vinhos brancos e rosés encontravam-se na fase final de estabilização, preparando-se para o engarrafamento. Na região, registou-se uma quebra na produção de vinho, sendo assim, inferior comparativamente à produção obtida no ano antecedente. A qualidade dos vinhos apresentava-se boa, mas não se poderá considerar um ano excecional a esse respeito. Esta vindima revelou-se particularmente desafiante, sobretudo na definição das datas de colheita para as diferentes parcelas de vinha. Embora em algumas parcelas os valores de pH se tenham mantido dentro dos parâmetros desejáveis, na maioria registaram-se níveis elevados, o que obrigou à correção através de acidificação com ácido tartárico. No que respeita às perspetivas de comercialização, a quebra de produção terá um impacto negativo, sendo o mesmo agravado por um cenário internacional pouco animador. Ainda assim, prevê-se a manutenção de um ritmo crescente de vendas nos mercados tradicionais, como a Europa e o Brasil, bem como a consolidação da presença em mercados em expansão, nomeadamente o Canadá e a Ásia. A tendência aponta para uma diminuição das vendas e uma crescente pressão para a redução dos preços, mesmo nos segmentos de nicho, como os produtos biológicos e naturais. Existe ainda o receio de dificuldades no escoamento do vinho e de uma acumulação generalizada de *stocks*.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, nas adegas estavam a decorrer os processos de vinificação, verificando-se que muitos vinhos se encontravam já estáveis. Procedia-se à centrifugação dos vinhos tintos e à elaboração de lotes e trasfegas. Na generalidade os vinhos apresentavam uma excelente qualidade. As perspetivas de comercialização são moderadas.

Na **Grande Lisboa**, no final da primeira semana de outubro deu-se por terminada a vindima, com uma produtividade média inferior à da campanha anterior, devido sobretudo a situações de escaldão. A qualidade da uva mais precoce foi melhor que a das castas mais tardias, que se apresentavam com podridão nos bagos, facto que influi negativamente a qualidade fenólica do mosto. Não obstante, no cômputo geral a qualidade da uva foi superior à de 2024 devido ao clima seco e sem neblinas matinais aquando da finalização da maturação, o que contribuiu para a obtenção de graus alcoólicos médios/altos. Devido às temperaturas amenas que se fizeram sentir ao longo do mês, ainda não se iniciou a senescência das folhas das videiras, facto indicativo do início do repouso vegetativo da cultura e finalização do ciclo anual. Prevê-se o início da poda para dezembro ou janeiro. Em termos de vinificação, apesar de ainda ser prematuro, estima-se um rendimento idêntico a 2024. No final do mês estavam a ser terminados os processos de fermentação na maior parte das adegas, perspetivando-se para o mês de novembro a trasfega de vinho, uma etapa fundamental na vinificação que visa purificar e clarificar o vinho, melhorar a sua estabilidade e remover gases indesejados. A graduação alcoólica do vinho perspetiva-se boa. Já no que diz respeito à qualidade final espera-se ser idêntica ou ligeiramente inferior à do ano passado, sobretudo pelos aspetos fitossanitários com efeito negativo no *flavour* do vinho. Não se perspetivam dificuldades na comercialização dos vinhos desta região. Apesar da tendência geral de diminuição da procura, as adegas não sentem constrangimentos com o escoamento da sua produção, maioritariamente direccionada para vinhos de qualidade.

Na **Península de Setúbal**, a vindima de uva para vinho, que se tinha iniciado em geral a partir de meados de agosto, com as castas brancas, terminou na sua maior parte no final de setembro, permanecendo algumas vinhas por vindimar, que terminaram no início de outubro. Resultaram uvas sem problemas de grau, com bom estado sanitário e em geral com boa qualidade, melhor que na campanha anterior (principalmente nas castas tintas). Confirma-se o decréscimo de produtividade relativamente à campanha anterior (que já foi muito penalizadora) e a um ano normal, devido a escaldão no final de junho/início de julho (principalmente na casta Moscatel e em vinhas não irrigadas) e a falta de nascença, com consequente decréscimo de formação de cachos, nomeadamente nas castas Fernão Pires e Castelão. De salientar que a quebra de produtividade foi essencialmente a nível dos produtores de menores dimensões, sendo que nas vinhas de maiores dimensões, mais profissionais e com entrada em produção de novas vinhas, a produtividade foi idêntica ou mesmo superior à da campanha anterior. Nesta fase do ciclo da vinha, segue-se a entrada em repouso vegetativo. As podas são habitualmente iniciadas a partir da segunda quinzena de novembro, coincidindo com o verão de S. Martinho, pelo que é desejável a descida das temperaturas, de modo a favorecer a dormência. No entanto, nalgumas vinhas, já se iniciaram as podas, sendo que a maior parte será em novembro e mesmo em dezembro. Deverão estar concluídas entre final de fevereiro e meados de março. A qualidade dos vinhos produzidos foi muito boa, à semelhança do verificado na campanha anterior. Relativamente às perspetivas de comercialização, no mercado interno é expectável que os níveis se mantenham, eventualmente com um ligeiro decréscimo da procura devido à conjuntura económica e à alteração de hábitos de consumo. Nas adegas da região não foram referidos problemas de acumulação de *stocks*.

10 de novembro de 2025

DADOS METEOROLÓGICOS

	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Instituto Geofísico	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Valdonas	Alvega
Temperatura máxima (°C)	31,7	27,7	31,0	30,1	31,3	33,7	32,7	32,8	32,9	34,1
Dia	6	11	1 e 10	1	1	2	16	6	6	6
Valor médio da temperatura máxima (°C)	25,2	21,6	25,7	25,6	26,4	28,1	27,5	28,2	27,5	28,4
Temperatura máxima normal para a época (°C)	22,9	—	22,5	22,8	23,8	24,2	23,9	24,5	—	24,6
Temperatura mínima (°C)	8,2	6,7	9,7	15,3	10,6	10,8	12,4	9,2	6,9	8,9
Dia	14	14	14	30	17	8	27	14	27	4
Valor médio da temperatura mínima (°C)	12,9	12,3	14,0	17,4	14,6	14,3	15,1	12,7	13,1	12,5
Temperatura mínima normal para a época (°C)	10,5	—	12,2	15,3	12,5	12,3	13,1	10,9	—	10,1
Temperatura média normal para a época (°C)	16,7	—	17,3	19,1	18,1	18,2	18,5	17,7	—	17,3
Horas de frio	0	—	0	0	0	0	0	0	—	0
Rajada máxima de vento (Km/h)	43,9	66,2	62,6	62,6	42,5	51,8	56,9	55,8	41,0	41,8
Dia	31	31	31	28	28 e 31	31	31	31	4	31
Número de dias com precipitação	a)	14	10	10	9	13 ^{b)}	14	12 ^{c)}	10	12
Precipitação acumulada no mês (mm)	a)	68,7	102,6	92,2	54,1	72,0 ^{b)}	89,1	92,3 ^{c)}	111,0	72,0
Precipitação normal para a época (mm)	102,5	—	90,8	110,6	99,2	86,9	89,5	88,9	—	98,8
Precipitação diária máxima no mês (mm)	a)	39,3	61,3	50,0	25,8	50,5 ^{b)}	49,0	60,8 ^{c)}	51,9	47,4
Dia	a)	28	28	28	28	28	28	28 ^{c)}	28	28
Humidade relativa média diária mínima (%)	54	70	57	48	52	67	45	47 ^{d)}	50	54
Humidade relativa média diária máxima (%)	90	97	97	100	93	100	94	97 ^{d)}	94	92
Humidade relativa média (%) do mês	78	88	80	77	74	88	71	71 ^{d)}	73	73

Notas:

Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 da respetiva estação.

a) Falha de dados nos dias 19, 20, 28 e 29 devido a udómetro obstruído. Por este facto não se apresentam dados de precipitação do mês.

b) Falha de dados no dia 22.

c) Devido a falha de dados de precipitação na estação meteorológica de Coruche nos dias 19, 20 e 21, os dados mensais foram recolhidos na estação de Coruche/Cruz do Leão.

d) A humidade relativa assinalada na estação de Coruche é recolhida na estação de Coruche/Cruz do Leão.

— Sem dados

Número de horas de frio: total de horas com temperaturas inferiores a 7,2°C acumulado, observado nas estações meteorológicas, desde 01 de outubro até 30 de abril (para fruteiras em Portugal Continental), atualizado diariamente até às 10h:30 UTC.

ESTADO DAS CULTURAS

Estimativa da variação da produtividade relativamente ao ano anterior

Cultura	Alto Oeste	Baixo Oeste	Grande Lisboa	Península de Setúbal	Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo Abrantes e Tomar
Azeitona de mesa	—	—	—	—	110	110	110
Azeitona para azeite	90	90	107	100	110	110	110

a) Ainda não é possível estimar

PRODUÇÃO

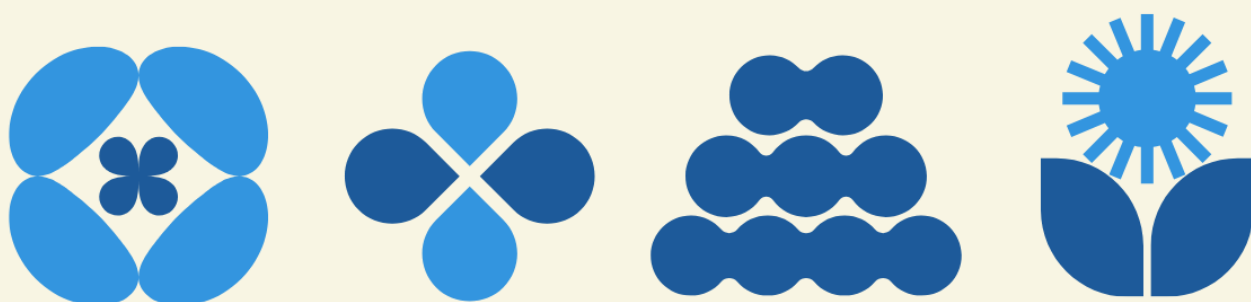
Estimativa da variação da produção global colhida relativamente ao ano anterior

Cultura	Alto Oeste	Baixo Oeste	Grande Lisboa	Península de Setúbal	Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo Abrantes e Tomar
Milho-Sequeiro	83	99	—	—	—	—	—
Milho-Regadio	110	55	88	90	99	99	83
Milho Forrageiro	110	121	100	50	98	98	100
Arroz	—	a)	85	90	100	95	—
Grão de bico	—	20	—	—	144	—	173
Feijão	90	90	95	—	64	80	56
Girassol	—	100 ^{b)}	60	—	90	90	20
Tomate (p/industria)	—	82	80	72	76	96	88
Pêssego	45	45	45	81	80	80	100
Maçã	99	97	100	90	100	—	100
Pera	100	100	100	85	105	—	100
Kiwi	—	—	—	—	—	—	—
Uva de Mesa	80	34	70	80	80	80	80
Uva para Vinho (*)	90	90	90	95	90	90	87
Amêndoa	—	—	—	137	98	98	98
Castanha	—	—	—	—	—	—	—

a) Ainda não é possível estimar

b) Esta percentagem corresponde a 55ha instalados neste ano, que não existiam no ano anterior, que era zero.

(*) Produção de vinho



CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.
RUA ALEXANDRE HERCULANO, N°37
1250-009 LISBOA

TEL.: +351 213 837 100 GERAL@CCDR-LVT.PT WWW.CCDR-LVT.PT